

Deixar o PMDB? O que diz Ulysses?

O presidente da Câmara dos Deputados, da Constituinte e do PMDB, Ulysses Guimarães, disse ontem, em Belo Horizonte, que aceita discutir a sua saída da presidência do partido como aceita discutir qualquer assunto, "menos uma sentença de morte contra mim". Definiu a política como "uma discussão", mas desconversou quando foi pressionado pela imprensa a explicar a comparação com "sentença de morte", argumentando que tentou dar "um tom pitoresco à conversa, que estou achando até engraçada".

Completo que se entende como um servidor do partido, seja como um simples correligionário ou em qualquer cargo. "Vamos dar altitude e grandeza à solução dos problemas que interessam ao nosso partido", pregou. Ulysses Guimarães forçou um sorriso ao ser indagado sobre a afirmação do senador eleito José Richa de que se ele continuar na presidência do PMDB irá "naufragar". Ulysses lembrou

então que o PMDB "não afundou antes com tantas dificuldades e não será agora que isso vai acontecer, quando temos governadores em quase todos os Estados da Federação e a maioria na Constituinte. O PMDB vai continuar com novas vitórias".

O presidente do PMDB negou que esteja sofrendo pressões para deixar a direção do partido, por acreditar que esta não seria a posição que "os companheiros iriam adotar". Afirmou que o assunto está posto e que vai combinar com os governadores, pois existem "quatro cargos a preencher na comissão executiva". Mais uma vez repetiu a máxima segundo a qual "todos os assuntos serão decididos democraticamente e conversados com as personalidades mais importantes do nosso partido, para uma solução que interessa ao partido e ao País".

Sobre o problema da escolha da liderança do partido, ele citou a tradição de

que sempre quem resolve isso é a bancada diretamente. Quanto à divisão em duas lideranças, uma do partido majoritário, no caso o PMDB, e outra do governo, Ulysses Guimarães disse que o assunto tem que ser meditado. Lembrou que a experiência anterior foi boa com duas lideranças, e que se isso voltasse a acontecer "não seria uma experiência nova".

Cauteloso, disse que o assunto é também da alçada do presidente da República, que também será consultado e se entender que deve ter um líder, "isso está na sua área de atuação pessoal". O mesmo entendimento ele tem para uma reforma ministerial, vinculada à autoridade direta do presidente da República, "pois ele é quem irá sofrer as conseqüências". Revelou que hoje Sarney será ouvido em Brasília sobre a questão da liderança, pois agora existem dados "mais concretos sobre os candidatos ao cargo". (Leia também na página 7.)